

## A RADIONOVELA HOJE: A EXPERIÊNCIA DO “JUSTIÇA EM CENA” (RÁDIO JUSTIÇA)

Mauricio Nogueira Tavares<sup>1</sup>  
Paulo Henrique Trocoli da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Durante os anos 40 aos 50, as radionovelas ocuparam um lugar de destaque dentro da programação diária das rádios brasileiras, influenciando comportamentos, hábitos e modos de falar, num período que ficou conhecido como “era de ouro do rádio brasileiro”. Após ser considerada morta, nos anos 70, a radionovela ensaia, nos dias atuais, um retorno com novo formato e modo de produção. O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise das radionovelas atualmente produzidas e transmitidas, especialmente as radionovelas da Rádio Justiça. A partir de uma comparação histórica, busca-se compreender as transformações sofridas pelo gênero em seus aspectos de produção, formato e de apropriação pelo qual passaram.

**Palavras-chave:** Rádio Justiça, radionovela, era de ouro.

### 1. A ERA DE OURO DO RÁDIO E SUAS RADIONOVELAS

Antes de mais nada, é importante esclarecer: a radionovela não morreu! Apesar do fim das grandes produções verificadas a partir do final dos anos 60, provocadas pela expansão da televisão no país e a conseqüente redução das verbas publicitárias destinadas ao rádio, a radionovela vem retornando nos dias atuais às grades de programação de algumas emissoras de rádio do Brasil. Contudo, é bom que se diga, esse retorno do gênero está marcado por profundas transformações em seu modo de produção, formato e objetivo.

A radionovela que atualmente vem ganhando espaço na grade de programação das emissoras pouco lembra as grandes produções da “era de ouro” do rádio brasileiro. Desde o início de sua reconfiguração, iniciada através de experiências já nos anos 80, o seu modo de produção, a sua estrutura interna e até o modo de apropriação por parte da indústria, seja ela a cultural ou a de bens de consumo, sofreram modificações relevantes, que resultaram em uma transformação radical do gênero.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Associado da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. [mntavares@uol.com.br](mailto:mntavares@uol.com.br).

<sup>2</sup> Formando em Produção em Comunicação e Cultura, FACOM/UFBA. [paulotrocolis@gmail.com](mailto:paulotrocolis@gmail.com).



## 2. A RADIONOVELA DE ONTEM E A DE HOJE

Se antes, assim como hoje na televisão, as emissoras de rádio viviam em constante briga para possuírem o melhor *casting* de atores e roteiristas sob a sua égide, como a Rádio Nacional que chegou a contar com um elenco de 150 atores e atrizes e 17 roteiristas nos anos 50, hoje, as produções de radionovelas se tornaram tão esporádicas que dispensam a manutenção de núcleos específicos para sua produção. Quando chegam a ser produzidas, são tratadas como um produto de pouca relevância, cuja especialização técnica exigida para produzir os efeitos esperados em seus ouvintes é dispensável. Daí, o que ocorre é a temporária transformação dos integrantes da equipe de jornalismo, peça central da maioria das rádios brasileiras, em roteiristas-autores de radionovela, atores/atrizes, contra-regras, editores, etc, criando uma radionovela tecnicamente sofrível, e, desse modo, fortalecendo o pensamento de que radionovela é um produto antigo, datado.

As raras produções hoje veiculadas, além de terem sido retiradas dos horários nobres das emissoras, são pensadas para atingir o ouvinte de maneira rápida e imediata. Tem-se apenas uma trama central, sem possibilidades dos chamados núcleos ou tramas paralelas - tão importantes hoje para conseguir atrair uma audiência diversificada, e que, muitas vezes é capaz de salvar uma telenovela do fracasso. Deste modo, os capítulos da atual radionovela são pensados para um consumo rápido, ou seja, devem ter, no máximo, 5 capítulos com duração de, no máximo, 5 minutos. Estes capítulos são reprisados várias vezes ao dia.

Mas, as transformações sofridas pelo gênero não modificaram apenas o modo de produção e formato da radionovela, como também o modo de apropriação por parte da indústria de bens de consumo. Se, no surgimento, as produções das radionovelas estavam atreladas fortemente às grandes indústrias, principalmente as fabricantes de sabão e detergentes, que viam nas audiências capturadas pela radionovela uma grande oportunidade de divulgar e atingir o seu público consumidor, as mulheres, hoje, as radionovelas perderam o seu caráter comercial, passando a ser usada, quase que exclusivamente, com objetivo educativo.

As tramas de aventura, de amor, com o casal de apaixonados, os mocinhos e vilões, os rompimentos e enlacs, as idas e vindas, outrora típicas do próprio gênero,

foram deixadas de lado, dando lugar a tramas educativas sobre como conseguir obter a certidão de nascimento, quais os direitos do cidadão, do trabalhador, da criança etc. É recorrente secretarias e autarquias do Governo, assim como emissoras e organizações não governamentais (ONGS) produzirem radionovela, ou solicitarem às secretárias de comunicação, institutos ou empresas de comunicação a elas ligadas, com o objetivo de levar alguma informação específica para um determinado público que se queira atingir. E, como prova do desinteresse das emissoras pelas radionovelas - ou do reconhecimento da sua incapacidade em produzir um produto tecnicamente atraentes para ouvinte - muitas dessas produções sequer chegam a ser veiculadas nas emissoras que a produziram. As radionovelas produzidas pela Rádio Câmara, ao longo de 2008, sequer foram transmitidas em sua grade de programação. Solicitada por uma comissão da mantenedora da rádio, elas, após serem produzidas, apenas foram distribuídas em CDs e disponibilizadas para download na internet. Onde, ainda hoje podem ser acessadas.

### **3. A RADIONOVELA DA RÁDIO JUSTIÇA<sup>3</sup>:**

Ainda que utilize a radionovela com o objetivo educativo, buscando explicar ao seu ouvinte os conceitos ligados à justiça, direitos e cidadania, tripé da sua programação, as radionovelas produzidas pela Rádio Justiça FM, meio de comunicação ligado ao Supremo Tribunal Federal (STF), são as que mais se aproximam da “época de ouro” do rádio brasileiro. Muitas das tramas que são veiculadas em sua grade de programação conseguem escapar das armadilhas comumente produzidas por esse modelo atual do gênero, como o excesso de didatismo, e, sem pretensões reformistas, ou seja, usando os recursos que fizeram da radionovela o produto brasileiro de maior relevância cultural no período dos anos 40 aos 50, conseguem construir tramas capazes de seduzir o ouvinte.

### **4. A RÁDIO JUSTIÇA: BREVE HISTÓRICO**

Em Maio de 2004, transmitida através de um subcanal cedido pela Radiobrás, foi ao ar, pela primeira vez, a programação da Rádio Justiça - meio de comunicação

---

<sup>3</sup> A escolha das radionovelas da Rádio Justiça como modelo atual, se deve ao seu posicionamento estratégico e a regularidade dentro da grade de programação. Há muito as radionovelas da Rádio Nacional da Amazônia, escritas por Artemisa Azevedo, se tornaram esporádicas.

ligado ao Supremo Tribunal Federal (STF). Abrigada no subsolo do prédio anexo do próprio Supremo Tribunal Federal, em Brasília, a Rádio Justiça nasceu com o objetivo de produzir uma programação que levasse aos seus ouvintes o conceito de justiça, direito e cidadania.

Com uma visão de educação aliada ao entretenimento, a Rádio Justiça desde o seu primeiro ano de funcionamento buscou produzir e inserir em sua programação a dramaturgia radiofônica. E assim no mês de Junho foi veiculada “Laura” (Rádio Justiça, 2004), radionovela que contava a história de Laura, uma mulher que foi condenada por levar drogas para o seu marido na cadeia.

Contudo, as primeiras produções realizadas pela Rádio Justiça não podem ser denominadas como radionovelas de fato, afinal, não apresentavam o que é uma característica intrínseca do gênero: a sua serialização. Afinal, como Tavares define “a radionovela é uma forma específica de narrativa radiofônica que tem como característica principal a segmentação em capítulos e longa duração”.

Estas primeiras edições tinham o formato de episódios únicos, por apresentarem uma história com início, meio e fim em um único capítulo de 15 minutos.

Esse projeto foi encerrado por problemas de falta de recursos humanos e técnicos. Para a analista judiciária, e uma das coordenadoras da Rádio Justiça, Viviane Yanagui, esta primeira etapa do projeto de dramaturgia da Rádio Justiça foi finalizada, principalmente, por não haver profissionais especializados em escrever roteiros de radionovela, como também, por não dispor de uma equipe própria para realizar a produção necessária do gênero.

“Foram dez episódios nesse modelo (episódios únicos). Depois não conseguimos dar continuidade devido à dificuldade de produção de roteiro; principalmente roteiro. Assim como devido a ausência de profissionais de teatro. Porque a gente desde aquela época, para fazer esse trabalho tínhamos que fazer de forma cooperativa. Não tínhamos atores para fazer esse trabalho. A equipe da rádio, por acaso, tinha apenas uma atriz. E só”.

Como Yanagui mesmo aponta em sua fala, apesar do desejo da emissora em produzir peças radiofônicas, a sua produção não era considerada em seus aspectos técnicos. Os profissionais da emissora, além de exercerem as suas funções habituais, eram convidados a participarem da produção de dramaturgia, como roteiristas, atores/atrizes e diretores, demonstrando que, nessa época, a produção de uma radionovela não era vista em sua complexidade.

## **5. AS TRANSFORMAÇÕES DA RÁDIO JUSTIÇA E A IMPLANTAÇÃO DO HORÁRIO DE RADIONOVELA “JUSTIÇA EM CENA”**

O que provocou o ressurgimento do projeto de dramaturgia radiofônica, dentro da Rádio Justiça, foi uma série de fatores, como: a obtenção da concessão de FM, a finalização do contrato com a Radiobrás e sua substituição por um contrato com a Fundação Padre Anchieta, de São Paulo, e a adoção de um novo formato para o projeto de dramaturgia radiofônica - agora as radionovelas.

No ano de seu lançamento a equipe que compunha a Rádio Justiça era formada por 25 pessoas terceirizadas cedidas a partir de um contrato firmado com a Radiobrás, contudo, em 2006, com a obtenção da licença FM pelo Ministério das Comunicações, o contrato com a Radiobrás foi desfeito, passando a ser adotado um contrato com a Fundação Padre Anchieta, que, deste modo, passou a assumir a produção da programação da Rádio Justiça.

Acompanhada desta modificação no modelo de gestão da Rádio Justiça, a equipe de produção da rádio foi ampliada e sua programação sofreu modificações, incluindo o projeto de radionovelas. Se, antes, a dramaturgia radiofônica era feita visando produzir episódios únicos, com o fim do contrato com a Radiobrás e a adoção do contrato com a Fundação Padre Anchieta, um novo projeto de dramaturgia radiofônica foi planejado, passando a possuir as características do gênero radionovela.

Buscando desenvolver um projeto constante dentro da grade de programação, foi desenhado um modelo em que cada radionovela possuiria 5 capítulos, com, no máximo, 5 minutos, cada. A apresentação dos seus capítulos aconteceria ao longo dos dias úteis, repetindo, sempre, o mesmo capítulo em diversos horários do dia. Mas, para permitir o pleno desenvolvimento deste formato, algumas mudanças foram realizadas dentro da emissora, buscando permitir a especialização técnica exigida para a produção de radionovelas.

O antigo roteirista-autor dos episódios únicos, Guilherme Macedo, abandonou suas funções de jornalista, passando a se dedicar apenas a produção da radionovela. Além de escrever os capítulos, passou a ser o responsável por sua produção - através da escalação do elenco e escolha do estúdio de gravação das falas – e assumiu também a função de diretor.

Após gravar as falas do roteiro, Macedo, que atualmente trabalha no Rio de Janeiro, envia os arquivos em áudio, juntamente com o roteiro, para a sede da emissora,

onde são feitas as montagens e a finalização dos capítulos da radionovela. O material finalizado é enviado para a coordenação, que após escutar e aprovar, programa a sua veiculação.

Para Viviane Yanagui, a reestruturação da emissora, a adoção do formato de radionovelas e a definição de uma equipe técnica responsável por sua produção foi fundamental para que o projeto de dramaturgia radiofônica da emissora se consolidasse:

“Ele foi retomado só que com um outro formato, o que acho que foi uma das coisas que fez o projeto ter sustentabilidade. Que foi o formato de 5 minutos, o capítulo. De segunda a sexta. Cada dia em vários horários. O mesmo capítulo passa várias vezes no dia. Só que em 2006 nós não tínhamos fôlego para fazer toda semana. Ele era uma vez por mês. Uma semana no mês tinha de segunda a sexta aquele episódio”.

Mas a gestão da programação da Rádio Justiça avançou ainda mais. No final do ano de 2009, o contrato entre a emissora e a Fundação Padre Anchieta foi reformulado, passando a ser um contrato sob demanda. Ou seja, a coordenação da rádio, ao sentir a necessidade de alguma nova produção, envia um ofício com o formato e conteúdo do novo programa para os responsáveis da Fundação Padre Anchieta, que produzem um episódio piloto. Caso este seja aprovado pela coordenação e pela audiência da rádio, ele então entra na grande fixa da emissora. É interessante observar que este contrato não estipula uma quantidade mínima de funcionários trabalhando dentro da emissora, a Fundação Padre Anchieta determina quantos e onde irão trabalhar a partir da demanda que é solicitada.

## **6. CARACTERÍSTICAS DAS RADIONOVELAS DA RÁDIO JUSTIÇA:**

Assumindo a função de condutor da trama, o narrador vai apresentando os personagens, as suas características e a função dentro da narrativa. Em “Alice no país do trabalho”, radionovela que conta a jornada em busca de um trabalho digno da personagem Alice, o narrador, ao descrever o momento do encontro da família de Alice com Benedito, “recrutador”, diz:

“Lá está ela, com o pai, Seu divino, a mãe Dona Dalva e o irmão Zeca, esperando pelo ônibus que leve a família a capital do estado, Teresina. Mesmo com dinheiro das passagens nas mãos não tem idéia do que vão encontrar por lá. Nesse momento, quando um olha para a cara do outro, sem ter o que dizer aparece um homem, um tal de Benedito”

O mesmo acontece na radionovela “De boca na urna”, que aborda o processo de eleições.

“Ediberto e Onofre são dois amigos que pelo jeito estão com a relação um pouco estremecida. É que Ediberto se candidatou a prefeitura e o primeiro projeto como prefeito será construir um imenso viaduto

que ligará sua cidade Temislândia a vizinha Minervópolis. Só que de acordo com o projeto a casa invertida que Onofre construiu terá de ser derrubada. Estão reunidos Ediberto, Onofre e a mulher, Gemi, na sala de ponta cabeça d Onofre. Ah, lá também está Leontina, a amiga solteirona da Gemi”.

Os dois trechos já demonstram outra função do narrador: figura de antecipação de acontecimentos. Afinal, ao dizer “mesmo com dinheiro nas mãos não tem idéia do que vão encontrar por lá” o narrador implanta no ouvinte a sensação de uma possível trajetória de dificuldades da heroína Alice, uma vez que ela vai passar por diversos empregos, vivenciando e combatendo condições de trabalho que não são aceitas pela legislação brasileira. O mesmo acontece quando o narrador frisa a condição de “solteirona” da amiga da Gemi, insinuando que ela e o candidato a prefeito Ediberto podem ter uma relação.

Os trechos também demonstram que o narrador assume a função de localizar onde se passa as ações dos personagens.

A presença do narrador, tão comum nas grandes produções da “era de ouro” é uma das marcas das radionovelas da Rádio Justiça, e todas estas funções irão se apresentar a cada início de um novo capítulo, afinal, a radionovela é um produto cultural da reiteração.

A sonoplastia utilizada pela produção da radionovela é usada de forma eficiente, tanto como elemento de informação como recurso de expressão. Através dela, o ouvinte é informado do espaço geográfico e social dos personagens. E os elementos como música e ruídos vão sendo utilizados de acordo com a necessidade de cada cena - e em sua maioria de forma estereotipada, como, por exemplo, no ruído de passos.

Dentro da radionovela não há uma utilização recorrente da passagem de cena através da fusão musical – muito comum na época de ouro do rádio – como também a presença de um tema musical que marque um determinado personagem; esta ausência talvez possa ser explicada pela curta duração de cada capítulo, que impede o uso da música como elemento de construção das características de um personagem.

A música nas radionovelas da Rádio Justiça é utilizada para provocar um clima emocional, descrever uma região, como também possui a função ambiental, ou seja, porque a cena real a contém. Contudo, o uso mais recorrente que se faz da música é como sinal de pontuação (função gramatical) separando, portanto, as cenas.

O interessante na construção das radionovelas da Rádio Justiça é o uso de elementos do cotidiano e da cultura como inspiração para dar nome e construir as suas radionovelas. Muitas tramas se inspiram em fatos do noticiário e elementos da cultura

nacional – sejam estes produtos culturais ou expressões do cotidiano. Essa é uma estratégia de produção junto ao público-ouvinte que o permite, por apenas ouvir o nome da radionovela, criar uma expectativa sobre o enredo que será apresentado. Por remeterem a hábitos e informações acessíveis ao ouvinte, radionovelas com nomes como “Alice no país do trabalho”, “A novela das oito”, “Uma cilada para Robinho” e “Não escuta que eu grampo”, são capazes de despertar mais o seu interesse.

A radionovela consegue atrair também a atenção por trazer em seu texto uma linguagem do cotidiano, falada por todos, permitindo até que os atores representem de uma maneira mais natural<sup>4</sup>.

DETETIVE - Vamos com calma, Dona Marilda. Nada de conclusões precipitadas. Primeiro me conte: quem é o seu marido.

DONA MARILDA - Argh. O meu marido, o Aderbal, é um empresário respeitadíssimo no ramo de confecções.

DETETIVE – Confecções...

DONA MARILDA – Exatamente.

DETETIVE – E a senhora acredita que ele esteja costurando por fora?

DONA MARILDA – Acho!

O trecho acima além de mostrar o tom coloquial das radionovelas da emissora, traz um elemento interessante para ser analisado: o humor.

Em “Não escuta que eu grampo” (trecho acima), ao se apropriar do fato da imprensa sobre o excesso de grampos para contar a história da mulher que procura um detetive para investigar se o marido a está traindo ou não, o roteirista utiliza de metáforas simples, piadas facilmente compreensíveis, para falar da possível traição.

O humor vai ser um elemento constante nas radionovelas produzidas pela Rádio Justiça.

## **7. AS RADIONOVELAS DA RÁDIO JUSTIÇA: O RETORNO AO PASSADO**

As radionovelas produzidas pela Rádio Justiça conseguem atrair o seu ouvinte por ter todos os seus elementos direcionados em torno do objetivo de produzir uma radionovela baseada no tripé direito, justiça e cidadania, sem possuir pretensões reformistas. Ao utilizar os recursos que fizeram da radionovela o produto cultural de maior importância dos anos 40 aos 50, conjugados com a fala e o humor do povo

---

<sup>4</sup> É interessante observar que mesmo que as falas do roteiro possuam uma linguagem mais coloquial, a interpretação em algumas novelas buscam o tom de voz excessivamente empostado e artificial, como se fosse uma homenagem dos produtores da radionovela às grandes produções da “era de ouro”.



brasileiro, a radionovela exibidas sob o título de “Justiça em Cena” se constituem como estratégias relevantes para levar informação ao ouvinte através do entretenimento.

É o conjunto destes elementos aliado ao modelo de produção que resgata a especialização técnica existente na “era de ouro do rádio brasileiro” que transforma as radionovelas da Rádio Justiça no padrão de produção a ser seguido pelas produtoras de áudio e emissoras que desejem produzir radionovela.

Pensar, hoje, na produção de um produto cultural como a radionovela, é conhecer a história de sua produção, compreender as transformações dos hábitos e cultura do povo brasileiro, assim como, do próprio gênero, sem menosprezar a especialização técnica de qualquer elemento da sua cadeia produtiva. Caso contrário corre-se o risco de não cumprir o pacto de verossimilhança entre obra e ouvinte, e perpetuar preconceitos sobre um gênero que ainda hoje é capaz de conquistar a atenção de milhares de brasileiros.

## **8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

CALABRE, Lia. **No tempo das radionovelas**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

PRADO, Magaly. **Produção de rádio**: um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

TAVARES, Mauricio Nogueira. **A radionovela no Brasil**: de “Em busca da felicidade à Verde vidas”. Dissertação de Mestrado, Instituto Metodista, 1992.

## **9. FONTE DE PESQUISA REGISTRADA EM ÁUDIO.**

Depoimento de Viviane Yanagui. Analista Judiciária e uma das coordenadoras da Rádio Justiça. Novembro 2009.